

## Caracterização da Feira Agroecológica no município de Várzea Alegre – CE: o caso do Sítio São Vicente

### *Characterization of the Agroecological Fair in the municipality of Várzea Alegre, state of Ceará: the case of the São Vicente Farm*

Ana Paula Clementino Martins<sup>1</sup>, Eliane Pinheiro de Sousa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Economista, Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Economia Aplicada UFV, Professora adjunta da Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil.

#### **Resumo**

*Este estudo objetiva caracterizar a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente no município cearense de Várzea Alegre e verificar o efeito da feira sobre a renda obtida pelas famílias participantes que comercializam seus produtos nessa feira. Para tal, foram empregados os métodos de análise tabular e descritiva e o teste t de Student para dados não pareados. A Feira Agroecológica do Sítio São Vicente é um exemplo claro das iniciativas propostas na economia solidária, que promove aos agentes envolvidos melhor qualidade de vida, inclusão social e respeito ao meio ambiente. Dentro da perspectiva agroecológica, a feira aplica métodos e técnicas que garantem uma boa produtividade, dispensando o uso de insumos e defensivos agrícolas que prejudicam a natureza. O trabalho é desenvolvido por pequenos produtores dentro da esfera da agricultura familiar, que traz para essas famílias a oportunidade de melhorar a renda.*

**Palavras-chave:** Feira Agroecológica. Economia Solidária. Agricultura Familiar.

#### **Abstract**

*This study aims to characterize the Agroecological Fair of the São Vicente Farm in the municipality of Várzea Alegre, located in the state of Ceará, as well as the effect of the fair on the income obtained by participating families that commercialize their products in this fair. In order to achieve the proposed goals, the methods of table and descriptive analysis and Student's t test for non-paired data were employed. The Agroecological Fair of the São Vicente Farm is a clear example of the initiatives proposed in the solidary economy, which provides the agents involved with a better quality of life, social inclusion and respect for the environment. Within the agroecological perspective, the fair applies methods and techniques that guarantee good productivity, dismissing the use of agricultural inputs and pesticides that harm nature. The work is conducted by small farmers within the scope of family agriculture, and it brings to these families the opportunity of increasing their income.*

**Keywords:** Agroecological Fair. Solidary Economy. Family Agriculture.

## 1 Introdução

Ao longo dos anos, as práticas agrícolas se desenvolveram conjuntamente com o desenvolvimento da sociedade; formas nocivas de cultivo e exploração à natureza foram se tornando cada vez mais comuns nas plantações como forma de obter melhores resultados para atender a demanda cada vez mais crescente da população por alimentos.

Segundo Almeida (2008), a partir da segunda metade do século XX, países latino-americanos mais desenvolvidos engajaram-se na intitulada Revolução Verde, que objetivava aumentar a produção e a produtividade agrícola, através do uso intensivo de produtos químicos, variedades de plantas geneticamente melhoradas, irrigação e motomecanização.

Atualmente, novos processos econômicos estão sendo adotados a fim de se repensar as concepções implantadas pelo sistema capitalista de produção em massa, a qual explora indiscriminadamente os recursos naturais do planeta. Neste sentido, propostas de conciliar o desenvolvimento socioeconômico e a sustentabilidade vêm sendo cada vez mais acatadas pelos economistas e pela sociedade em geral, que buscam diante dos avanços tecnológicos encontrarem novas fontes de recursos renováveis e uma melhor utilização dos não renováveis.

A adoção de políticas sustentáveis implantadas no meio rural como forma de fortalecer a produção do pequeno agricultor, ampliar sua renda e capacitar os trabalhadores para realizarem novas práticas de cultivo sustentável tem sido métodos aplicados na perspectiva da economia solidária, produção agroecológica e orgânica.

A feira Agroecológica do Sítio São Vicente, localizado no município cearense de Várzea Alegre, desenvolve a prática da agricultura familiar voltada à produção com desenvolvimento sustentável. Essa feira conta com a participação de 14 famílias, que expõem seus produtos, em sua maioria, de produção agrícola sem uso de fertilizantes, queimadas ou qualquer prática de cultivo danosa ao meio ambiente. As famílias participam e desenvolvem a autogestão, prática fundamental da economia solidária, na produção e na comercialização de seus produtos, assim como na alocação dos resultados obtidos.

Existente há mais de seis anos, a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente vem contribuindo para a valorização dos produtos do campo e promovendo o desenvolvimento de uma vida sustentável no município cearense de Várzea Alegre. A principal dificuldade enfrentada pelos feirantes está na parte de suporte da feira, falta melhor estrutura para receber os visitantes e também há necessidade de transporte disponível para os pequenos produtores de outros locais trazerem seus produtos até a feira. A falta de participação dos membros do próprio sítio, principalmente por comodismo, também é uma dificuldade enfrentada, sendo que muitos ainda não estão mobilizados a se engajar no projeto. A distância da feira, que fica cerca de 7 km da Sede do município, é outro empecilho ao desempenho desta, pois muitas pessoas não possuem transporte para chegar até lá.

Como as propostas de desenvolvimento sustentável lançadas pelo Governo podem contribuir para o surgimento de mais iniciativas iguais a esta e de que forma devem ser trabalhados tais projetos, a fim de que perdurem por mais tempo, é uma das muitas questões problemáticas da economia solidária. Conforme Pochmann (2004, p. 31):

Torna-se inegável reconhecer o espaço de oportunidades da economia solidária no Brasil. Mesmo no âmbito da atual fase inicial da economia solidária, cabe chamar a atenção para seus limites enquanto não houver a concretização de um conjunto amplo de políticas públicas.

A necessidade de promover a integração das famílias que vivem no meio rural ao mercado de trabalho é um problema que nos faz repensar a forma como essas pessoas estão inseridas na sociedade e qual o potencial econômico, trazendo-as a um patamar de produtores não somente para o consumo de uma comunidade isolada, mas como forma de beneficiar toda a sociedade.

A sociedade atual na sua busca excessiva pelo lucro acaba degradando os recursos naturais que representam a base fundamental de toda economia. Portanto, novas formas de extração e aproveitamento desses recursos, assim como sua preservação tem sido uma preocupação cada vez mais abordada na busca de uma economia sustentável.

O trabalho aqui proposto justifica-se pela possibilidade de apresentação de novas informações sobre uma temática que tem sido amplamente discutida nos dias atuais, com o intuito de tornar a iniciativa sustentável mais compreensível por parte de outras famílias, que ainda não fazem parte do projeto, fortalecendo o interesse pela participação popular, para que possam aderir a ela e contribuir para o desenvolvimento econômico com sustentabilidade. Ademais, também pode ser vista como uma possibilidade de motivação para novas parcerias e conquista de mais incentivo governamental, propiciando uma maior estrutura e estabilidade à Feira Agroecológica do Sítio São Vicente.

O conhecimento produzido contribuirá para a formação de uma base teórica, para o aprendizado de todos os que se interessam pelo assunto, trazendo à comunidade acadêmica, assim como os demais interessados, a consciência da necessidade de um novo sistema de utilização dos recursos naturais com geração de emprego e renda.

Portanto, este estudo objetiva caracterizar a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente no município cearense de Várzea Alegre e o perfil socioeconômico das famílias participantes que comercializam seus produtos nessa feira, verificar o efeito da feira sobre a renda e o valor da produção obtido por essas famílias e descrever as características do aperfeiçoamento técnico nessa feira.

## **2 Fundamentação teórica**

### **2.1 Economia solidária**

Conforme Vieira (2005), a economia solidária no Brasil é um acontecimento recente, que surge por volta dos anos 1990, ainda com a denominação de economia popular, passando posteriormente a ser adotada a atual terminologia de economia solidária. Surge em um período em que a economia nacional passa por um período bastante conturbado, tendo o movimento social como uma ponte na qual fosse possível expor ao resto do mundo a atual situação do país e colher experiência de outros países. A economia solidária passa a discutir acerca da cultura capitalista e a busca pela construção de culturas mais justa e solidária.

Na concepção de Cunha (2002), é a partir do desejo de mudança e de lutar por seus direitos, que a população se reúne em forma de cooperativas e associações que formam a então chamada economia solidária, uma forma autogestionária de produzir e comercializar os produtos originados desses empreendimentos e que promovem o desenvolvimento e melhora o bem-estar de toda comunidade envolvida. Esse autor defende também a participação do Estado no auxílio da gestão e do desenvolvimento dessas iniciativas solidárias; sendo de responsabilidade dos governos garantirem à população uma melhor qualidade de vida sem intervir no processo de autogestão característico das organizações solidárias, não comprometendo assim, a autonomia de tais empreendimentos.

A economia solidária torna possível a inclusão de pessoas que a sociedade capitalista exclui do mercado de trabalho, principalmente por falta de capital suficiente a investir, implantando práticas econômicas mais justas. Em outros termos, a economia solidária busca firmar o compromisso da democratização do poder, da riqueza e do saber, onde as relações econômicas devem agir de forma a buscar o bem-estar dos indivíduos, e promovendo a inclusão social das pessoas na sociedade como forma de se ter uma maior qualidade de vida da população, garantindo melhores condições de trabalho, mais qualificação e melhor atendimento às necessidades básicas da sociedade; com melhor utilização dos recursos naturais e mais apoio do governo, tornando as relações sociais mais igualitárias, atuando também na perspectiva de formação de alianças populares como forma de manter um exercício pleno da cidadania, um controle social (NASCIMENTO, 2006).

A economia solidária é uma forma de oposição às tradicionais práticas de exploração do trabalho e dos recursos naturais, tornando os meios econômicos de geração de capital fundado na perspectiva do

consumo consciente, mantendo a lucratividade da produção atrelada à preservação ambiental e à inclusão social. Conforme afirma Nascimento (2006, p. 8):

A Economia Solidária representa instrumento de combate à exclusão social na medida em que apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades humanas, eliminando as desigualdades materiais e difundindo os valores da ética e da solidariedade.

Baseada nas práticas do empreendedorismo, a economia solidária surge como uma nova forma de praticar políticas sociais; apoiada por políticas públicas que proporcionaram o seu crescimento, desencadeadas em três fases 1990, 2000 e, por fim, em 2003, fase que consolidou a economia solidária como uma política voltada aos trabalhos para o melhoramento da vida no campo. As iniciativas populares em busca de melhores oportunidades, favorecidas pelas políticas públicas desenvolvidas obtiveram uma forte participação na consolidação dos ideais almejados pela economia solidária; a criação do FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária), em 2003, caracteriza politicamente o movimento (PEREIRA, 2011).

Segundo Pastana (2011), a economia solidária é uma forma de enfrentamento à exclusão social, formada por pessoas que se encontram excluída do sistema econômico e sem oportunidades de emprego, que se unem em prol de mudanças para suas vidas, trilhando novos rumos guiados pelo desejo de conquistarem condições mais dignas de vida.

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE, 2012), a economia solidária consiste em um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver, de modo justo e respeitando o meio ambiente. Ela se apresenta como alternativa inovadora de geração de emprego e renda, promovendo a inclusão social e a autogestão e está organizada sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

A economia solidária apresenta diversas características que se firmam com base nos seguintes princípios: cooperação – união de esforços em busca de objetivos comuns; autogestão – práticas democráticas de decisões cotidianas; solidariedade – união de esforços em busca de melhores condições de vida, preservação ambiental e bem-estar de todos; ação econômica – busca pela viabilidade econômica atrelada aos aspectos sociais, culturais e ambientais (BERTUCCI *et al.*, 2010).

As cooperativas são uma forma mais comum de prática da economia solidária de forma democrática, justa e de livre iniciativa da população. Segundo Cunha (2002), as cooperativas são denominadas de acordo com a sua finalidade. Dentre elas, têm-se as seguintes cooperativas: de produção, de consumo, de crédito, de distribuição, sociedade mútua de seguros e associações de curto período. As cooperativas que se reportam ao meio agrícola referem-se às de produção, consumo e distribuição.

A autogestão formada pela livre iniciativa da população é uma das principais características que diferencia a economia de grande capital da economia de solidariedade voltada ao bem-estar do coletivo e não de pequenos grupos privilegiados. No sistema de autogestão, as pessoas não tem que se submeter a um patrão; todos participam com igualdade dentro da comunidade organizada sob uma das formas de cooperação desenvolvidas pela economia solidária.

Conforme Pastana (2011), as práticas solidárias estão intimamente ligadas aos comportamentos humanos de valores, princípios, do que é ou não sustentável, instigando-os a adotarem hábitos e costumes socialmente mais saudáveis:

Nesse sentido, então, a autogestão se apresenta como a marca de um empreendimento solidário, ao levar os trabalhadores além do cumprimento de suas tarefas de rotina, também, a terem de se preocupar com os problemas gerais da empresa. Essa é a forma de se contribuir efetivamente para a sustentabilidade do

empreendimento solidário, sobretudo por ele se encontrar em um ambiente de capitalismo acentuadamente competitivo (PASTANA, 2011, p.64-65).

Para caracterizar-se como sustentável, é necessário que haja uma integração entre o meio ambiente, as diversidades culturais e os povos, orientado pela conquista de novos direitos, como acesso aos ambientes saudáveis, respeito à diversidade de povos, igualdade e melhor qualidade de vida. Assim, a economia solidária caracteriza-se como um movimento social que luta por uma forma de desenvolvimento igualitário, baseada em valores sociais de ética, cooperação e preservação ambiental (BERTUCCI *et al.*, 2010).

Pereira (2011) acrescenta ainda que a economia solidária pode ser caracterizada como um modo de produção coletiva, buscando amenizar muitos dos problemas enfrentados pela população mais pobre como tecnologia ultrapassada, dificuldade de acesso aos insumos básicos à produção e administração e planejamento deficientes; destacando-se os problemas de pobreza e desemprego como os mais agravantes. Nesse contexto, conforme Pereira (2011, p. 137):

A alternativa ao desemprego e a necessidade de complementação de renda são recorrentemente mencionados como os principais motivos de criação das iniciativas de Economia Solidária. Sem dúvida, se tratam de motivos vinculados à conquista da materialidade da parcela da classe trabalhadora a ela dedicada.

Segundo Gaiger (2013), com o passar dos anos, a economia solidária vem sendo moldada a fim de tornar-se capaz de atender as expectativas econômicas e sociais. Atualmente o campo da economia solidária desmembra-se em quatro segmentos: empreendimentos solidários, organizações civis, órgãos de representação e articulação política e organismos estatais. Os constantes aprimoramentos e incessantes lutas em prol da construção de uma economia solidária que fosse além das causas emergenciais e defensivas à pobreza geram resultados positivos no apoio às iniciativas políticas e sociais que lutam por um sistema “pós-capitalista”.

As práticas solidárias formam novos valores éticos que contribuem para a construção de uma cultura de consumo consciente, respeito ao meio ambiente, cooperação e inclusão social; transformando os indivíduos que estejam empenhados nas práticas sustentáveis e socialmente justas; tornando não só a sociedade mais justa e igualitária, como também proporcionando uma nova forma de se viver.

## 2.2 Agroecologia

Segundo Altieri (2008), a agroecologia trata-se de uma nova abordagem capaz de integrar os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos a fim de realizar uma melhor avaliação e compreensão dos efeitos ocasionados pelas tecnologias aplicadas aos sistemas agrícolas, que se tornam nocivas tanto ao ecossistema como à saúde da sociedade. Para esse autor, os incentivos e avanços tecnológicos destinados ao melhoramento da produção sem causar danos ao meio ambiente devem ser direcionados aos pequenos produtores, como forma de reduzir a situação de pobreza enfrentada por muitos dos pequenos produtores agrícolas, ou seja, promovendo o “desenvolvimento de baixo para cima”; visão que difere da perspectiva aplicada pela Revolução Verde, que beneficiava os grandes produtores.

A agricultura sustentável geralmente refere-se a uma forma de agricultura que procura fornecer a longo prazo um rendimento contínuo, utilizando tecnologias de manejo ecológico. A produção não é orientada para a busca de altos rendimentos de um produto em particular, mas sim para otimizar o sistema como um todo. Requer um olhar para além da produção econômica e considera a questão vital para a sustentabilidade e estabilidade ecológica (ALTIERI, 1999, p.87).

A modernização das formas de cultivo e manejo com as plantações e com o solo trouxe aos agricultores além do esperado aumento de produtividade, muitos transtornos causados pelas formas indiscriminadas de cultivo; o uso massivo de fertilizantes, a prática de queimadas e o desmatamento causaram sérios danos ao solo, aumentaram a incidência de pragas e tornaram o cultivo agrícola mais difícil. As formas modernas de máquinas, equipamentos e produtos químicos ocasionam aos agricultores uma falsa solução para o manejo agrícola, pois, na verdade, o uso abusivo dessas modernidades geram problemas sérios para o meio ambiente. As práticas agroecológicas buscam amenizar os problemas gerados por estas práticas nocivas tanto a natureza como as pessoas, introduzindo formas alternativas de produção que utilizem o mínimo possível de insumos de fora, tornando a atividade agrícola autosuficiente e respeitando o espaço natural (PAULUS *et al.*, 2000).

O pensamento de desenvolvimento sustentável possui muitos pontos de vistas, é e sempre foi alvo de muitas discussões, podendo-se simplificá-las em culturalistas e ecossocialistas, ainda denominá-las como correntes: a corrente ecotecnocrática, uma linha de pensamento na qual acreditava na necessidade de um desenvolvimento econômico continuado, aceitando as limitações impostas pela natureza, defendendo, por outro lado, o uso de mecanismos industrializados que auxiliem na produção, o que se pode chamar de “Revolução Verde”. Diferentemente da corrente ecotecnocrática, a corrente ecossocial buscava uma forma de desenvolvimento socialmente justo e que respeitasse a natureza através do uso racional das tecnologias disponíveis sem causar danos ambientais (CAPORAL, COSTABEBER, 2000).

Conforme Altieri e Nicholls (2003), a agroecologia atua como uma forma alternativa de assegurar a fertilidade e preservação do solo, das águas e da vegetação atrelada à manutenção da produtividade de forma equilibrada, sem causar danos a ambas as partes.

“Os princípios da Agroecologia podem ser aplicados para implementar a eficiência dos sistemas agrícolas através do uso de várias técnicas e estratégias.” [...] “O objetivo principal dos sistemas agroecológicos consiste em integrar componentes de maneira que a eficiência biológica global seja incrementada, a biodiversidade preservada, e a produtividade do agroecossistema e sua alta capacidade de se sustentar sejam mantidas” (ALTIERI, NICHOLLS, 2003, p. 146).

Dentro dessa perspectiva, Pereira *et al.* (2006) mostram que a agroecologia apresenta aspectos multidimensionais que são adotados para compor o modelo de agricultura sustentável, que atenda as necessidades das pessoas ao mesmo tempo em que se consegue uma sustentabilidade econômica, ecológica, social, cultural, política e ética. Busca, portanto, uma forma de reunir várias áreas de conhecimento a fim de se tornarem complementares e tornar-se um modelo de sustentabilidade capaz de atender as mais diversas necessidades e objetivos das pessoas.

Pereira *et al.* (2006) explicam a agroecologia como uma ciência dinâmica, a qual estará sempre sujeita às alterações, dentro dos preceitos do sistema agroecológico, de acordo com cada localidade, cada população, caracterizando-se de acordo com as necessidades e o perfil de cada localidade que sempre servirá como fonte de aprendizado e inspiração para outras localidades, sofrendo sempre alterações e adaptações.

Segundo Silva (2008), as práticas agroecológicas desenvolvem-se como uma forma alternativa de obtenção de melhor qualidade de vida para agricultores e consumidores, ocasionando mudanças positivas no estilo de vida das pessoas, possibilitando uma melhor educação alimentar e adoção de hábitos mais saudáveis.

A mudança de nossa consciência ambiental e de nossos hábitos alimentares é um caminho importante para alcançarmos um aumento de nossa qualidade de vida, um meio ambiente mais preservado, uma redução do consumo de recursos naturais e uma sociedade mais justa (SILVA, 2008, p. 11).

Conforme Schmitt (2010), a busca da implantação de novos sistemas com enfoque agroecológico é um desafio a ser enfrentado por aqueles que acreditam na implantação de uma nova forma de se desenvolver a agricultura.

Apesar de incorporarem, como princípio fundador, a questão da sustentabilidade ambiental, operam, na grande maioria dos casos, em uma permanente tensão entre a incorporação de princípios ecológicos ao manejo dos sistemas produtivos e as pressões diretas e indiretas exercidas pelo mercado e por diferentes agentes sociais sobre suas formas diferenciadas de organização (SCHMITT, 2010, p. 61-62).

A iniciativa de buscar novas práticas de cultivo que gerem rentabilidade aos produtores e ao mesmo tempo apresente uma preocupação com a preservação da natureza vem ao longo dos anos ganhando mais destaque. A agroecologia propicia essa junção entre os objetivos econômicos e socioambientais. Segundo Altieri (1989), a agroecologia oferece ferramentas metodológicas, princípios e conceitos capazes de contribuir para a construção de novas práticas agrícolas, que sejam socialmente justas, economicamente viáveis e ecologicamente sustentáveis. Em outros termos, preocupa-se com a otimização do agroecossistema como um todo, possibilitando uma melhor interação entre pessoas, formas de cultivo, solo e animais.

Schutter (2012) defende a necessidade e importância da atividade agrícola para a sociedade, investimentos diretos no setor agrícola reduzem muitos dos problemas de infraestrutura e atendimento a muitas necessidades básicas da população que se encontram cada vez mais aglomeradas nas áreas urbanas; tais incentivos à agricultura propiciam aumentos significativos na oferta de alimentos. Esse autor ressalta ainda que apenas investimentos no setor agrícola não são suficientes. Para combater a fome e a pobreza, é necessário propiciar melhores condições de emprego e renda aos pequenos agricultores, conciliando práticas sustentáveis ao desenvolvimento. Ademais, destaca a importância dos impactos da elevação da renda de pequenos proprietários rurais como forma de impulsionar significativa e positivamente a economia.

Diferentemente de outros processos que visam modernizar a atividade agrícola como forma de garantir a produção e a lucratividade, a agroecologia desenvolve-se aperfeiçoando as práticas agrícolas, usando de recursos que se assemelham aos naturais, segue, portanto, um caminho contrário à industrialização, trazendo maiores ganhos no que se refere à conservação ambiental e qualidade de vida (SCHUTTER, 2012).

### **2.3 Agricultura Familiar**

O papel da agricultura familiar na contribuição para o desenvolvimento econômico do país vem cada vez mais ganhando força e obtendo um maior reconhecimento, colaborando para o fortalecimento e enriquecimento do pequeno produtor rural. Em 1990, o termo agricultura familiar começa a despontar no cenário econômico brasileiro, sendo efetivamente legitimada com a criação do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), em 1996, como forma de apoiar os pequenos produtores rurais e garantir que o Estado mantivesse um compromisso de maior atenção a tais produtores (TESCHE *et al.*, 2011).

A agricultura familiar proporciona a interação entre a autogestão e o trabalho, garantindo uma melhor qualidade de vida dos pequenos produtores, através de uma melhor interação social e novas oportunidades de investimentos que geram uma produção mais eficiente e socialmente justa, promovendo o desenvolvimento regional e local. São os próprios agricultores que coordenam o processo produtivo, através do trabalho realizado pela própria família, que diversificam a produção e apresentam uma forte função social e de preservação ambiental (CHIARELLO *et al.* 2008).

Conforme Chiarello *et al.* (2008), a agricultura familiar estabelece uma interação entre o pequeno produtor rural, instituições públicas e privadas; que trazem a esses produtores uma forma de

organização e trabalho em equipe como saída para fazer frente aos grandes produtores, praticando um cultivo mais elaborado e planejado que atenda às exigências dos mercados atuais.

A agricultura familiar brasileira é bastante diversificada no que diz respeito às condições financeiras e à capacidade técnica de produção, fator extremamente importante na aplicação de práticas que promovam o desenvolvimento e a sustentabilidade. Os agricultores familiares exploram diversos tipos de cultivos, utilizando de mão de obra própria e consomem parte do que é produzido, o que faz com que os produtores sejam autossuficientes; a diversidade na produção contribui ainda para a redução de perdas, diminuindo os riscos e gerando um melhor desempenho econômico (SOUZA FILHO *et al.*, 2004).

Segundo Souza Filho *et al.* (2004), a especialização, o maior grau de experiência e maiores informações acerca da atividade agrícola dos agricultores familiares é de extrema importância para o bom desempenho das atividades a serem desenvolvidas dentro do âmbito familiar. As inovações tecnológicas apesar de representarem melhores resultados produtivos e econômicos, nem sempre são bem aceitas no Brasil pelos agricultores familiares, pois estas inovações nem sempre representam as reais necessidades e objetivos desses agricultores, “seja porque implicam em assumir riscos financeiros acima do nível considerado aceitável, seja por aumentar a fragilidade diante das flutuações do mercado e a insegurança alimentar, daí decorrente” (SOUZA FILHO *et al.*, 2004, p. 11).

Buainain (2006) complementa ainda que as questões que se referem à especialização e inserção no mercado são de extrema importância para que seja possível conhecer a dinâmica dos agricultores familiares, suas perspectivas de sustentabilidade e evolução. A inserção desses agricultores no mercado é dificultada pela característica de diversificação para o consumo, muito comum nas unidades de agricultura familiar, o que prejudicam o aperfeiçoamento e a especialização em um número menor de culturas.

A agricultura familiar desempenha um importante papel político e social, capaz de gerar transformações e promover o desenvolvimento. Assim, é necessário que a agricultura familiar possa se desenvolver de forma que contemple não somente sua importância básica de cuidados e exploração da terra, mas, na verdade, deve-se ir muito além, dada a sua relevância política, econômica e social (BUAINAIN, 2006).

De acordo com Andrioli (2008), a agricultura familiar diferencia-se da agricultura convencional por ser composta por pequenos produtores que sobrevivem de sua própria produção, integrando a produção e o consumo; apresenta uma maior diversidade de produção como forma de garantir renda para a família o ano todo; os produtos gerados na agricultura familiar destacam-se por apresentar uma maior qualidade, já que eles também consomem o que produzem, promovem consequentemente uma melhor relação com o meio ambiente, produzindo de forma mais sustentável.

A agricultura familiar, portanto, pelas suas características, por suas necessidades e por sua perspectiva econômica e social apresenta uma tendência maior de incorporar elementos da agroecologia, porque essa seria uma forma de fazer com que sua produção seja menos dependente de capital externo, de insumos (sobre os quais algumas multinacionais têm o seu controle monopolizado) e introduzir no processo produtivo conhecimentos da Agroecologia, combinando-os com conhecimentos tradicionais (ANDRIOLI, 2008, p. 3).

O estudo de Wuerges *et al.* (2007) mostra que a produção obtida através do cultivo sustentável pode ser comercializada nas chamadas feiras agroecológicas, constituindo uma forma alternativa de comercialização dos produtos de origem orgânica sem uso de fertilizante e práticas de cultivos que prejudiquem o meio ambiente, possibilitando aos produtores uma melhor rentabilidade da produção e uma forma diferenciada de expor seus produtos e valorizar o cultivo sustentável.



Segundo Finatto e Corrêa (2010), a realização da feira agroecológica favorece o envolvimento dos agricultores com a produção orgânica e o comprometimento de oferecer um produto de qualidade para o consumidor a fim de atender seus interesses enquanto cliente.

Para conciliar os aspectos sociais, econômicos e ambientais, a economia solidária, a agroecologia e a agricultura familiar constituem os três pilares principais, pois trazem dentro de suas configurações o enfoque necessário para atingir o equilíbrio desses aspectos.

### **3 Metodologia**

#### **3.1 Área de estudo**

A Feira Agroecológica do sítio São Vicente, estudada neste trabalho, localiza-se no município de Várzea Alegre, que está situado na mesorregião Centro-Sul Cearense a 467 km da capital Fortaleza. Segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 (IBGE, 2013), o município apresenta uma população de 38.434 habitantes, área de 835,71 km<sup>2</sup>, PIB total de R\$ 161.977 mil e PIB *per capita* de R\$ 4.213,55.

A feira realizada mensalmente localiza-se no Sítio São Vicente, distante 7 km da Sede do município de Várzea Alegre. Ocorre somente aos domingos das 7 às 13 h e recebe cerca de 500 a 600 visitantes. As famílias que vendem seus produtos têm a preocupação de que os produtos agrícolas, em sua maioria, sejam produzidos sem uso de fertilizantes, queimadas ou qualquer prática de cultivo que prejudique a natureza. Esses produtos são expostos em barracas feitas de tijolos, construídas pelos próprios feirantes em um espaço cedido pelo governo. O local onde se realiza a feira não dispõe de uma infraestrutura adequada, o que prejudica a realização da feira em épocas chuvosas.

Para que a feira aconteça, são realizadas duas reuniões mensais entre os feirantes, destinadas ao planejamento, avaliação e ao fechamento do evento. A feira desenvolve projetos na área da agricultura orgânica, que abrange outras comunidades, e disponibiliza cursos e palestras aos agricultores como forma de melhorar suas práticas de cultivo e manejo das plantações. A exposição de pequenos animais, artesanato, comidas típicas e produtos da agricultura familiar são os principais produtos encontrados na feira agroecológica, que é divulgada pelo rádio do município e também pela internet.

#### **3.2 Fontes dos dados e forma de coleta dos dados**

O trabalho consistiu de um estudo descritivo e explicativo da Feira Agroecológica do Sítio São Vicente, expondo os aspectos socioeconômicos do projeto e dimensionando-o dentro da perspectiva da economia solidária e sustentável, procurando compreender melhor a dinâmica desenvolvida na feira agroecológica.

Para descrever os fundamentos conceituais sobre economia solidária, agroecologia e agricultura familiar, utilizaram-se dados secundários consultados em livros, revistas e artigos publicados em Anais de eventos que tratassem dessas temáticas. Portanto, a pesquisa bibliográfica foi de extrema importância para o embasamento teórico do artigo.

Além dos dados secundários, foi feito um levantamento de dados primários buscando cumprir os objetivos propostos deste trabalho. Esses dados primários foram adquiridos por meio da aplicação de questionários com as famílias participantes que comercializam seus produtos na feira agroecológica. Como há somente 14 famílias que participam e comercializam seus produtos na feira, não se empregou o processo de amostragem, mas se adotou o censo, aplicando questionários com todas essas famílias. A princípio, entrou-se em contato com o articulador da feira com o intuito de agendar a pesquisa de campo. Esse articulador foi o idealizador da feira, uma vez que já participava de outra feira do mesmo tipo em outro município e levou a ideia para a comunidade. Ele é o responsável pela divulgação da feira, assim como pela busca de patrocínios, parcerias e realização de cursos.

A partir desse agendamento prévio, a pesquisa de campo foi realizada no primeiro domingo do mês de junho de 2014. Os feirantes já tinham sido comunicados sobre essa pesquisa e colaboraram, respondendo o questionário, que foi aplicado com eles. Antes de iniciar a movimentação de visitantes, enquanto os feirantes organizavam suas barracas e os produtos eram expostos nas barracas, aplicaram-se os questionários.

O questionário foi constituído por três blocos, sendo que o primeiro compreende as questões sobre as características socioeconômicas das famílias participantes da feira, o segundo contempla as características da feira e o terceiro destina-se às características do aperfeiçoamento técnico (vide Anexo). Conforme se observa, o questionário possui perguntas fechadas e abertas.

### 3.3 Métodos de análise

A análise da Feira Agroecológica do Sítio São Vicente no município cearense de Várzea Alegre se refere a um estudo de caso descritivo, que se propõe a descrever um fenômeno em seu contexto de mundo real (YIN, 2015).

A construção deste trabalho utilizou os métodos de análise descritiva e tabular e o teste t de Student para dados não pareados, sendo este último empregado para verificar o efeito da feira agroecológica sobre a renda das famílias participantes que comercializam seus produtos na feira. De acordo com Oliveira (2011), esse teste verifica se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes, sendo indicado quando se coletam dados de uma mesma pessoa, considerando momentos diferentes no tempo.

Com base nesse teste, foram testadas as seguintes hipóteses:

H<sub>0</sub>:  $\mu_A = \mu_B$ , não há diferenças significativas entre as médias da renda recebida pelas famílias antes e depois de comercializarem seus produtos na feira agroecológica;

H<sub>1</sub>:  $\mu_A \neq \mu_B$ , há diferenças significativas entre as médias da renda recebida pelas famílias antes e depois de comercializarem seus produtos na feira agroecológica.

Essas hipóteses foram operacionalizadas por meio do *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 21.0.

Segundo Zar (1984) *apud* Oliveira (2011), para o caso de variâncias populacionais não homogêneas, a estatística "t" de Student é determinada pela seguinte equação:

$$T = \frac{(\bar{X}_A - \bar{X}_B) - (\mu_A - \mu_B)}{\sqrt{\frac{S_A^2}{n_A} + \frac{S_B^2}{n_B}}}$$

em que:  $\bar{X}_A, \bar{X}_B$  são as médias amostrais das populações antes e depois de comercializarem seus produtos na feira agroecológica;  $\mu_A, \mu_B$  são as médias testadas antes e depois de comercializarem seus produtos na feira agroecológica;  $S_A^2, S_B^2$  são as variâncias amostrais antes e depois de comercializarem seus produtos na feira agroecológica;  $n_A, n_B$  são os números de observações amostrais antes e depois de comercializarem seus produtos na feira agroecológica.

## 4 Análise e discussão dos resultados

### 4.1 Características socioeconômicas das famílias participantes da feira agroecológica

Para caracterizar o perfil socioeconômico das famílias participantes da feira, foram levantadas questões quanto à idade, gênero, composição familiar, moradia e escolaridade da pessoa responsável pela família. Quanto à idade, verificou-se, com base na pesquisa de campo, que parcela majoritária (78,57%) dos responsáveis pela família apresenta idade acima de 35 anos. Esse dado é corroborado no estudo desenvolvido por Chiarello *et al.* (2008).

Cabe ainda destacar a pequena participação dos jovens na feira agroecológica, pouco colaborando nas atividades agrícolas. O estudo de Buainain (2006) ressalta a emigração dos jovens do meio rural para a área urbana, em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Com base na pesquisa de campo, constatou-se uma predominância do gênero masculino para as pessoas responsáveis pelas famílias participantes da feira. Constatou-se também que 54,14% das famílias que participam da feira agroecológica possuem composição familiar de 3 a 4 pessoas. Esse mesmo perfil das famílias quanto ao número de componentes é verificado por Chiarello *et al.* (2008).

Conforme descrito, a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente é realizada mensalmente e conta com a participação de 14 famílias, das quais seis são provenientes do Sítio São Vicente, duas moram em localidades vizinhas e seis residem na sede do município.

No tocante ao nível de escolaridade da pessoa responsável pela família, verifica-se a partir da Tabela 1, que o nível médio completo apresentou a maior participação relativa (35,71%). Esse nível de escolaridade também prevalece no estudo de Chiarello *et al.* (2008). Nota-se que todas as famílias entrevistadas apresentam algum grau de escolaridade, o que contribui para o processo de autogestão, dado que estas famílias possuem menos dificuldades para realizar cursos e se capacitar.

Tabela 1 – Distribuição absoluta e relativa das famílias participantes da feira agroecológica, segundo o nível de escolaridade da pessoa responsável pela família.

Nível de escolaridade	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Alfabetização	2	14,29
Fundamental incompleto	3	21,43
Fundamental completo	1	7,14
Médio incompleto	1	7,14
Médio completo	5	35,71
Superior incompleto	0	0,00
Superior completo	2	14,29
Total	14	100,00

Ao se confrontar esse resultado com os encontrados por Finatto e Salamoni (2008) e Hinterholz e Ribeiro (2011) que analisaram o nível de escolaridade das famílias envolvidas com o manejo agroecológico, constatam-se uma predominância do nível fundamental, estando aquém do observado pela maioria das pessoas responsáveis pelas famílias participantes da feira agroecológica do Sítio São Vicente.

### 4.2 Características associadas à Feira Agroecológica

Para caracterizar a feira agroecológica, buscou-se contemplar questões sobre o tipo de produtos comercializados, tempo de comercialização, valor da produção, renda obtida com a venda dos produtos na feira, outras atividades geradoras de renda, avaliação da feira pela ótica das famílias

entrevistadas, benefícios, dificuldades e sugestões. Quanto ao tipo de produto comercializado na feira agroecológica, nota-se por meio da Tabela 2, que o artesanato é apontado como a atividade mais expressiva, uma vez que 64,28% dos entrevistados comercializam algum tipo de artesanato, sendo que o tradicional apresentou maior predominância. Adicionalmente, percebe-se que duas famílias que vendem alimentos regionais, também comercializam o artesanato na feira.

Tabela 2 – Distribuição absoluta e relativa das famílias participantes da feira agroecológica, segundo o tipo de produto comercializado na feira.

<b>Tipo de produto</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa (%)</b>
Artesanato tradicional	5	35,71
Artesanato de barro	1	7,14
Artesanato com materiais reciclados	2	14,29
Artesanato de fibra	1	7,14
Alimentos regionais	1	7,14
Alimentos regionais e artesanato (ou artesanato de fibra)	2	14,29
Frutas e verduras	1	7,14
Brinquedos e artigos diversos	1	7,14
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100,00</b>

Em relação ao tempo de comercialização, parcela majoritária (64,28%) dos entrevistados mencionou que vendem esses produtos na feira agroecológica há pelo menos seis anos. Verificou-se que, das famílias que participam da feira, boa parte delas já produzia antes de comercializar na feira e a grande maioria não utilizou recursos de empréstimos para iniciar a comercialização destes produtos na feira agroecológica.

A Tabela 3 mostra que, antes de comercializar os produtos orgânicos na feira agroecológica, 57,14% das famílias obtinham um valor da produção em torno de R\$ 50,00 a R\$ 100,00 mensais. Com a comercialização na feira agroecológica, o valor mensal da produção excede a R\$ 250,00 para a metade dos entrevistados. Assim, constata-se que a atuação na feira permite um acréscimo no valor obtido na produção.

Tabela 3 – Distribuição absoluta e relativa das famílias participantes da feira agroecológica quanto ao valor mensal produzido de produtos orgânicos antes e depois de comercializá-los na feira.

<b>Valor produzido (VP) mensal de produtos orgânicos (em reais)</b>	<b>Antes de comercializar os produtos na feira</b>		<b>Depois de comercializar os produtos na feira</b>	
	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência relativa</b>
VP ≤ 50,00	5	35,71	0	0,00
50,00 ≤ VP ≤ 100,00	8	57,14	2	14,29
100,00 ≤ VP ≤ 150,00	1	7,14	4	28,57
150,00 ≤ VP ≤ 200,00	0	0,00	0	0,00
200,00 ≤ VP ≤ 250,00	0	0,00	1	7,14
VP ≥ 250,00	0	0,00	7	50,00
<b>Total</b>	<b>14</b>	<b>100,00</b>	<b>14</b>	<b>100,00</b>

Conforme se observa pela Tabela 4, a renda familiar mensal predominante (71,43%) das famílias participantes da feira agroecológica antes de comercializar seus produtos na feira correspondia até meio salário mínimo. Depois de passar a comercializar os produtos na feira agroecológica, a maioria das famílias (57,14%) obtinha renda mensal entre meio até um salário mínimo, sendo que 21,42% recebem acima de um salário mínimo. Portanto, constata-se, que a feira agroecológica permite a essas famílias a oportunidade de ampliar a renda familiar mensal, bem como a possibilidade de inserir essas famílias, em especial, as menos favorecidas no convívio social, transformando o meio rural em um espaço não de isolamento social, mas em um local de intercâmbio de culturas. Em outros termos, verifica-se que a feira agroecológica traz para as famílias participantes oportunidade de ampliar a produção e consequentemente a renda familiar, bem como a possibilidade de renovar a forma de produzir seus produtos, mostrando que é possível a sociedade e o meio ambiente viverem em comunhão.

Tabela 4 – Distribuição absoluta e relativa das famílias participantes da feira agroecológica quanto à renda média familiar mensal antes e depois de comercializar os produtos na feira.

Renda familiar (RF) expressa em SM*	Antes de comercializar os produtos na feira		Depois de comercializar os produtos na feira	
	Frequência absoluta	Frequência relativa	Frequência absoluta	Frequência relativa
RF ≤ 0,5 SM	10	71,43	3	21,43
0,5 SM ≤ RF ≤ 1 SM	2	14,29	8	57,14
1 SM ≤ RF ≤ 1,5 SM	1	7,14	1	7,14
1,5 SM ≤ RF ≤ 2 SM	1	7,14	1	7,14
RF ≥ 2 SM	0	0,00	1	7,14
Total	14	100,00	14	100,00

Nota: \* SM corresponde ao valor do salário mínimo. Considerou-se que um salário mínimo corresponde a R\$ 724,00 (valor do salário mínimo vigente em 2014).

Ao serem questionados se desempenham outras atividades geradoras de renda além da comercialização dos produtos na feira agroecológica, a grande maioria dos feirantes respondeu que se dedica simultaneamente a produção de orgânicos e a prestação de serviços. Segundo Chiarello *et al.* (2008), a possibilidade dos agricultores familiares buscarem diversificar as atividades contribui para a sua permanência no campo, propiciando o desenvolvimento local e regional.

Quanto à avaliação da feira pela ótica das famílias entrevistadas, verificou-se que, para a maioria (78,57%) dos entrevistados, a feira agroecológica é considerada como boa; sentem-se bem em participar da feira, porém ainda existem melhorias a serem implantadas para que esta possa ser considerada por estas famílias como ótima, destacando a importância desta nos âmbitos econômicos e sociais na vida destas famílias.

No tocante aos benefícios gerados pela feira agroecológica, com base na pesquisa de campo, verificou-se que a melhoria na renda e o aprendizado são destacados como principais, indicando que, segundo a visão das famílias, a participação na feira agroecológica possibilita um ganho social tanto em termos de renda, bem como de conhecimento e aprimoramento.

A autogestão traz a essas famílias a oportunidade de terem o controle de seu próprio negócio e a noção das melhorias alcançadas e das mudanças necessárias para que se possa chegar mais longe; a oportunidade de provarem que são capazes de desenvolverem atividades rentáveis e autossustentáveis.

Não obstante a esses benefícios, os dados provenientes da pesquisa de campo revelam que a feira agroecológica enfrenta muitas dificuldades, sendo que, para 57,14% dos entrevistados, a falta de apoio governamental é destacada como a principal dificuldade para a comercialização e participação na feira. Esse resultado demonstra que apesar da iniciativa da comunidade, esta carece de apoio do governo através de projetos e incentivos que se torne viável a participação destas famílias na feira.

Finatto e Salamoni (2008) defendem a importância do meio rural como gerador de possibilidades de desenvolvimento, nas quais se pode priorizar não somente os aspectos sociais, como também melhorar a qualidade de vida atrelada ao desenvolvimento sustentável, merecendo políticas públicas que valorizem as potencialidades locais e regionais, trazendo possibilidades de progresso para a localidade e a todos os que fazem parte dela.

As famílias sugerem como forma de melhoria da feira a maior participação das pessoas, fazendo com que mais pessoas sintam-se mobilizadas a participar tanto na condição de feirante, em que mais famílias possam desenvolver atividades de manejo ecológico e sustentável; como também de comprador, por meio do envolvimento da comunidade, garantindo o consumo dos produtos como forma de beneficiar não somente as famílias diretamente envolvidas, mas também a todos os que buscam uma melhor qualidade de vida.

Para melhorar o desenvolvimento da feira agroecológica, também foi sugerida uma maior divulgação dos produtos, como forma de se fazer conhecer o trabalho desenvolvido por estas famílias, enfatizando a importância do consumo de produtos de manejo ecológico como forma de conquistar melhor qualidade de vida e também contribuir para o desenvolvimento de iniciativas que promovam o desenvolvimento social de uma comunidade e do município o qual faz parte. Ademais, a presença de mais apoio financeiro do governo e melhorias na infraestrutura também foi destacada como medidas de apoio à feira, que possam contribuir para que esta venha a beneficiar mais famílias e de forma mais autossustentável de modo que se possa encontrar na feira condições suficientes para garantir por si só qualidade de vida, inclusão social e maior estabilidade financeira.

### 4.3 Efeitos da feira agroecológica sobre a renda e o valor da produção

Como se confirma pela Tabela 5, o valor do teste t de Student indica que, em média, há diferença significativa entre a renda e o valor da produção antes e depois da participação na feira agroecológica a um nível de significância de 1%. Esses dados demonstram que a feira agroecológica tem efeito positivo sobre a renda familiar e o valor produzido das famílias participantes da feira.

Tabela 5 – Resultado do teste t de Student para dados não pareados com a comparação entre a renda e o valor da produção “antes” e “depois” da participação na feira agroecológica.

Descrição das variáveis Antes e Depois da participação na Feira Agroecológica	Diferenças Pareadas					t	Graus de Liberdade	Sig. (bilateral)
	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média	Intervalo de confiança 95%				
				Inferior	Superior			
Renda	-288,0	184,1	49,2	-394,3	-181,7	-5,8	13	0,0
Valor da produção	-165,3	93,9	25,1	-219,5	-111,1	-6,6	13	0,0

#### **4.4 Características quanto ao aperfeiçoamento técnico na feira agroecológica**

Visto que para a viabilidade do processo de autogestão, característico da economia solidária, faz-se necessário o aperfeiçoamento técnico, foram levantadas questões quanto às formas de capacitação, as principais contribuições trazidas e as dificuldades enfrentadas para se conseguir a capacitação.

A capacitação técnica possibilita as famílias que desenvolvem a agricultura familiar como forma de melhorar a autogestão e ampliar a produtividade. Com base na pesquisa de campo, notou-se que 71,43% das famílias entrevistadas consideram a capacitação técnica extremamente importante principalmente para melhorar o aprendizado, constatando que a melhoria na produção e no desenvolvimento das atividades desenvolvidas pelas famílias participantes da feira requer não somente um conhecimento pessoal acerca da atividade desempenhada por cada participante, mas também a busca por maiores aprimoramentos e conhecimentos.

Das famílias que participam da feira, quase todas atestaram que recebem alguma assistência técnica para a produção de orgânicos ou outros artigos comercializados por eles. Quanto às entidades responsáveis pela capacitação das famílias, observou-se a predominância do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), do Centro de Artesanato do Ceará (CEART) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) como as mais procuradas pelos próprios feirantes. Grande parte das famílias sente-se capacitada na gestão da produção e na comercialização dos produtos que vendem na feira agroecológica.

Conforme Buainain (2006), a capacitação técnica promove o aprendizado tanto dos agricultores, como das instituições e técnicos envolvidos no processo de aprendizagem; processo no qual interfere também nos aspectos culturais e na forma como essas pessoas veem o mundo. Esse autor complementa ainda que a agroecologia é um processo mais especificado e exige mais atenção e capacitação do que nos processos tradicionais.

Apesar das famílias, em sua maioria, considerarem importante o aprimoramento técnico para ampliar os conhecimentos, destaca a falta de disponibilidade de tempo como principal fator responsável pela dificuldade de acesso à capacitação, representando um percentual de 71,43%, podendo ser justificada pelo fato de que a maioria das famílias desempenha outras atividades como forma de garantir o sustento da família. Entretanto, sabe-se que o baixo nível de capacitação técnica ou até mesmo a ausência desta dificulta o processo de inovação e o melhoramento da produção. Somente por meio do aprimoramento técnico e gerencial é que será possível caminhar para uma atividade agroecológica que atenda às necessidades econômicas, culturais e ambientais dessa localidade.

A Feira Agroecológica do Sítio São Vicente traz para as famílias participantes a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e de melhorar as formas de conduzir e gerenciar sua própria produção, garantindo autonomia a essas pessoas que se tornam responsáveis pelo desempenho de seus empreendimentos, o que lhes estimula a buscar mais qualificação como forma de se encontrar alternativas para que se possa alcançar maiores produtividades e melhores oportunidades no mercado.

Saber o que produzir, como e por quanto vender são fatores importantes para que esses pequenos produtores possam conduzir de forma correta seus empreendimentos, isso só é possível por meio de qualificação técnica apropriada que forneça informações e conhecimentos suficientes para garantir aos pequenos produtores condições de promover a autogestão e melhorar os ganhos financeiros.

#### **5 Declaração de Direito Autoral**

Declaramos que o presente artigo é original e não foi submetido à publicação em qualquer outro periódico nacional ou internacional, quer seja em parte ou na íntegra. Declaramos ainda, que após publicado pela Ciência e Natura, ele jamais será submetido a outro periódico. Também temos ciência que a submissão dos originais à Ciência e Natura implica transferência dos direitos autorais da

publicação digital e impressa e, a não observância desse compromisso, submeterá o infrator a sanções e penas previstas na Lei de Proteção de Direitos Autorais (nº 9.610, de 19/02/98).

## 6 Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

## 7 Conclusões e sugestões

A partir deste estudo, conclui-se que a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente colabora para o enriquecimento cultural e produtivo desta comunidade, trazendo a oportunidade de inclusão ao meio social de muitas famílias que buscam bem mais do que o retorno financeiro, como também o aprimoramento pessoal e profissional.

A feira desempenha um papel de complemento da renda. Por meio dos conceitos da economia solidária, agroecologia e da agricultura familiar, possibilitam uma vida mais saudável no que se refere à educação, inclusão e responsabilidade social, levando às famílias participantes a oportunidade de desenvolver projetos que sirvam de modelo e referencial tanto para comunidades dentro do próprio município, bem como para outras comunidades circunvizinhas.

A proposta de apresentar às pessoas a possibilidade de gerar desenvolvimento atrelado à sustentabilidade vem ao longo dos tempos sendo cada vez mais acatada pela sociedade, o que se pode notar na feira agroecológica que as famílias que comercializam seus produtos na feira acreditam que se pode conciliar o desenvolvimento econômico, social e ambiental e apesar das dificuldades enfrentadas gostam da convivência e da possibilidade de se adquirir novas experiências.

Não obstante aos benefícios gerados pela feira agroecológica, os resultados mostraram que essas famílias se deparam com a falta de apoio governamental, pois carecem de programas de incentivos e financiamento a tais iniciativas. Entretanto, é importante ressaltar que grande parte dessas famílias teve capacitação técnica gratuita ou a baixo custo, o que ameniza a carência por capacitação técnica, porém a capacitação por si só não resolve o problema, pois muitos não têm a disponibilidade de tempo para realizar as capacitações, visto que a feira não gera renda suficiente para as famílias, sendo necessário o desenvolvimento de outras atividades rentáveis.

Apesar de a feira não ser a principal fonte de renda das famílias participantes, tem extrema importância como atividade complementar de renda e promotora do desenvolvimento social de uma comunidade. Ressalta-se a relevância de tais iniciativas como forma de resgatar famílias que se encontram na linha da pobreza e excluídas socialmente para que estas possam por meio de seu próprio trabalho encontrar caminhos para seu melhoramento econômico e social. Os testes estatísticos comprovaram o efeito positivo da feira agroecológica sobre a renda e o valor da produção.

O investimento em projetos que possibilite às pessoas uma vida econômica mais ativa, que não dependam simplesmente de programas de transferência de renda é muito importante para que esta renda possa ser convertida em oportunidades de trabalho, pois se convive em uma sociedade que carece de mais oportunidades para se desenvolver como agentes promotores do desenvolvimento do meio em que estão inseridas do que da simples possibilidade de atender as suas necessidades básicas.

É importante também identificar a necessidade de aplicação de projetos que sejam adequados à realidade de cada comunidade e de cada região, sendo que este possa valorizar as características e os pontos fortes de cada comunidade, proporcionando o desenvolvimento de forma mais facilitada e natural, em que cada pessoa possa ser responsável pelo crescimento pessoal e da comunidade em que está inserida.

Ademais, é necessário enxergar as possibilidades de conquistar a liberdade para decidir onde, como e o que se deve produzir e consumir, consciente de que cada pessoa seja capaz de gerenciar seus



próprios empreendimentos e de alcançar cada vez mais retornos financeiros na medida em que se pode perceber que a capacitação e o apoio governamental adequado geram uma sociedade mais desenvolvida ecológica, financeira e socialmente.

## Referências

ANDRIOLI, A. I. Agricultura familiar e sustentabilidade ambiental. **Revista Espaço Acadêmico**. nº 89. Out. 2008. Disponível em: <http://www.espaçoacademico.com.br/089andrioli.pdf>. Acesso em: 24 jan 2014.

ALMEIDA, J. Apresentação à Quinta Edição. In: ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: bases científicas para una agricultura sustentable**. Montevideo, Editorial Nordan-Comunidad. Setiembre de 1999.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia e dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 5 ed. 117 p. Julho 2008.

ALTIERI, M. A. NICHOLLS, C. I. Agroecologia resgatando a agricultura orgânica a partir de um modelo industrial de produção e distribuição. **Ciência e Ambiente**, 27, p. 141-152 jul/dez. 2003.

BERTUCCI, A. *et al.* **Economia solidária. Outra economia a serviço da vida acontece**. Conselho nacional de igrejas cristãs do Brasil – CONIC. 2010.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura familiar, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável: questões para debate**. Brasília, DF: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), 2006.

CAPORAL, F. R. COSTA BEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, vol. 1 nº 1, p. 16-37, jan./mar. 2000.

CHIARELLO, M.; ORLOWSKI, R. F.; WACKULICZ, G. J. Feiras livres: uma alternativa de geração de renda aos agricultores familiares de Chapecó (SC). In: Encontro de Economia Catarinense, 2, 2008. **Anais...** Chapecó, SC: APEC, 2008.

CUNHA, G. C. **Economia solidária e políticas públicas: reflexões a partir do caso do programa Incubadoras de Cooperativas da Prefeitura Municipal de Santo André, SP**. 2002, p. 163 (Dissertação de Mestrado em Ciência Política). Universidade de São Paulo. São Paulo 2002.

FINATTO, R. A.; CORRÊA, W. K. Desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica - o caso do município de Pelotas/RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**. Porto Alegre, v.5, n.1, p. 95-105, 2010.

FINATTO, R. A.; SALAMONI, G. Agricultura familiar e agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas/RS. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v.20, n.2, p. 199-217, 2008.

GAIGER, L. I. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 28, n. 82, p. 211-259, 2013.

HINTERHOLZ, B.; RIBEIRO, V. M. Feira agroecológica: uma alternativa para comercialização de produtos oriundos da agricultura familiar orgânica no município de Medianeira – PR: o caso da AAFEMED. **Synergismus scyentifica UTFPR**. Pato Branco, v.6, n.1, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=231400#>. Acesso em: 16 abril 2013.

MTE – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **O que é economia solidária**. Disponível em: [http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria\\_oque.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp). Acesso em: 18 nov 2012.

NASCIMENTO, E. R. **Princípios da Economia Solidária**. Brasília. Editora Ferreira. 14 p. Julho de 2006. Disponível em: [http://www.editoraferreira.com.br/publique/media/edson\\_toque7.pdf](http://www.editoraferreira.com.br/publique/media/edson_toque7.pdf). Acesso em 23 de abril 2013.

OLIVEIRA, L. A. S. **Políticas públicas e estratégia sustentável de combate à fome: o caso do PAA – Leite no município de Quixeramobim Ceará**. 2011. 90 p. (Dissertação de Mestrado em Economia Rural). Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, 2011.

PASTANA, G. I. I. **Economia solidária: educação e autonomia**. 1º ed. Rio de Janeiro: Tecnoarte, 2011. 80p.

PAULUS, G. (coord.), MULLER, A. M. BARCELOS, L. A. R. **Agroecologia aplicada: práticas e métodos para uma agricultura de base ecológica**. EMATER/RS. Porto Alegre. Dez. 2000.

PEREIRA, F. A. CARNEIRO, M. R. ANDRADE, L. M. **Marco referencial em agroecologia**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Brasília-DF 2006. 70 p.

PEREIRA, C. M. G. M. **Economia solidária: uma investigação sobre iniciativas**. 2011. 195 p. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Campinas, 2011.

POCHMANN, M. Economia solidária no Brasil: possibilidades e limites. **Nota técnica**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004, 34p.

SCHMITT, C. J. **Economia solidária e agroecologia: convergências e desafios na construção de modos de vida sustentáveis**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, p.55-64, 2010.

SCHUTTER, O. A agroecologia e o direito humano à alimentação adequada. **Caderno SISAN 01/2012**. Câmara Interministerial de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, DF: MDS, 2012.

SILVA, K. G. (org.) **Agroecologia: um caminho amigável de conservação da natureza e valorização da vida**. Rio Grande, RS: Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NCMA), 2008.

SOUZA FILHO, H. M.; BAUINAIN, A. M.; GUANZIROLI, C. E.; BATALHA, M. O. Agricultura familiar e tecnologia no Brasil: características, desafios e obstáculos. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 42, 2004. **Anais...** Cuiabá, MT: SOBER, 2004.

TESCHE, R. W.; SCHMIDT, A. W.; DOMENIGUI, J. O.; POHL, L. M. P; GNOATTO, V. M.; LUNARDI, J. J. O consumo e a produção de alimentos na agricultura familiar das regiões Missões e Fronteira Noroeste do RS. **Cadernos de Agroecologia**. Fortaleza, v. 6, n. 2, 2011.

WUERGES, E. W. E.; SIMOM, A. A. E. Feiras livres como uma forma de popularizar a produção e o consumo de hortifrutigranjeiros produzidos com base na Agroecologia. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.2, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

**ANEXO - Modelo do questionário aplicado com as famílias participantes que comercializam seus produtos na feira agroecológica do Sítio São Vicente**

1. Características socioeconômicas das famílias participantes da feira agroecológica

Nome:
1.1. Gênero da pessoa responsável pela família: ( ) Feminino ( ) Masculino
1.2. Idade da pessoa responsável pela família: _____
1.3. Quantas pessoas moram em sua residência? ( ) 1 a 2; ( ) 3 a 4; ( ) 5 a 6; ( ) acima de 6.
1.4. Escolaridade da pessoa responsável pela família: ( ) alfabetização; ( ) fundamental incompleto; ( ) fundamental completo; ( ) médio incompleto; ( ) médio completo; ( ) superior incompleto; ( ) superior completo.
1.5. Mora em casa própria: ( ) não; ( ) sim.

2. Características associadas à Feira Agroecológica

2.1. Quais os produtos que você vende na feira? _____
2.2. Há quanto tempo você vende seus produtos na feira? _____
2.3. Qual a renda média mensal familiar obtida antes de comercializar seus produtos na feira? _____
2.4. Qual a renda média mensal familiar obtida depois que passou a comercializar seus produtos na feira? _____
2.5. Você produzia produtos orgânicos antes de participar da feira? ( ) não; ( ) sim.
2.6. Caso a resposta tenha sido afirmativa, em média, qual valor você produzia por mês em produtos orgânicos antes de comercializar seus produtos na feira? _____
2.7. Em média, qual valor você produz por mês em produtos orgânicos depois que passou a comercializar seus produtos na feira? _____
2.8. Utilizou crédito ou outra forma de financiamento para comercializar seus produtos na feira? ( ) não; ( ) sim.
2.9. Atualmente, além da comercialização de seus produtos na feira, possui alguma outra atividade rentável? ( ) não; ( ) sim.
2.10. Em caso afirmativo, quais essas atividades geradoras de renda? ( ) agricultura convencional; ( ) comércio; ( ) prestação de serviços; ( ) transferências governamentais; ( ) outra, especifique: _____
2.11. Em sua concepção, como pode ser considerada a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente? ( ) ótima; ( ) boa; ( ) regular; ( ) péssima.
2.12. Quais os principais benefícios gerados pela feira? _____
2.13. Quais as principais dificuldades enfrentadas? ( ) transporte da mercadoria; ( ) conhecimento técnico; ( ) apoio governamental; ( ) falta de compradores; ( ) outra, especifique: _____
2.14. Quais as principais sugestões para melhorar a Feira Agroecológica do Sítio São Vicente? _____

3. Características quanto ao aperfeiçoamento técnico

3.1. Você considera importante a capacitação técnica para a produção com manejo agroecológico? ( ) sim, justifique: _____ ( ) não, justifique: _____.
3.2. Quanto ao aprimoramento de sua capacidade de gestão da produção e comercialização dos produtos, você se considera capacitado? ( ) sim; ( ) parcialmente; ( ) não.
3.3. Você procura fazer cursos para aprimorar sua capacidade técnica e administrativa sobre o manejo agroecológico e autogestão? ( ) sim, frequentemente; ( ) sim, raramente; ( ) não, justifique: _____.
3.4. Caso a resposta da questão 3.3 tenha sido afirmativa, onde são realizados esses cursos e quem financia tais cursos? _____.
3.5. Na sua concepção, o aprimoramento técnico lhe trouxe maior produtividade e melhores ganhos financeiros? ( ) sim; ( ) não.
3.6. Qual o principal fator que dificulta o acesso à capacitação? ( ) falta de recursos financeiros; ( ) falta de disponibilidade de tempo; ( ) dificuldade de acesso; ( ) outro fator, especifique: _____
3.7. Recebeu assistência técnica para a produção de orgânicos? ( ) não; ( ) sim.
3.8. Caso a resposta da questão 3.7 tenha sido afirmativa, quem fornece a assistência técnica? _____.